ENTRE O CRACK E A CURA:

considerações sociológicas sobre tratamento de usuários de substâncias psicoativas

Lucas Hertzog Ramos[1]

RESUMO: Neste artigo discutiremos os resultados de uma pesquisa realizada com usuários de crack que aderiram a um tratamento no contexto de um CAPSad (Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas), na cidade de Porto Alegre/RS. As trajetórias e histórias de vidas dos informantes são fortemente marcadas por um contexto de exclusão social, no qual o pertencimento de classe e o patrimônio de disposições sociais são decisivos no sucesso ou fracasso na tentativa de abstinência. A pesquisa empírica qualitativa explorou a história individual dos sujeitos e seus mecanismos de defesa na tentativa de transformar um *ethos* que pôs o crack como elemento central de suas vidas. Os marcos teóricos que auxiliaram a reflexão foram a teoria moral durkheimiana, a teoria do reconhecimento social, as teorias interacionistas do desvio e a teoria crítica de Jessé Souza. A conclusão do estudo aponta que o comportamento individual destes usuários e a dificuldade de manter-se longe do crack são largamente influenciados por seu pertencimento de classe, marcado pela socialização precária e um histórico de esquecimento social e violência. Os elementos trabalho e família são decisivos nas trajetórias de sucesso e na superação dos estigmas, que recaem sobre os usuários e que circunscrevem suas tentativas de inserção social.

PALAVRAS-CHAVE: usuários de crack, tratamento, CAPSad, reconhecimento intersubjetivo.

ABSTRACT: In this article we will discuss the results of a research with crack-cocaine users who joined a treatment in the context of a CAPSad (Psychosocial Care Center - alcohol and drugs), in the city of Porto Alegre / RS. The informants' life trajectories and histories are strongly marked by a context of social exclusion, in which class membership and the patrimony of social dispositions are decisive in success or failure in attempting abstinence. Qualitative empirical research explored individual subjects' history and their defense mechanisms in an attempt to transform an ethos that put crack-cocaine as the central element of their lives. The theoretical frameworks that illuminated our research were Durkheim's moral theory, social recognition theory, the interactionist theories of deviance, and the critical theory of Jesse Souza. The conclusion of the study indicates that the individual behavior of these users and the difficulty of staying away from crack-cocaine are largely influenced by their class membership, marked by precarious socialization and a history of social oblivion and violence. The elements of work and family are decisive in the trajectories of success and in overcoming the stigmas that fall on the users and that circumscribe their attempts at social insertion.

KEYWORDS: crack-cocaine users, treatment, CAPSad, intersubjective recognition.

[1] Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS.

INTRODUÇÃO

Recentemente acompanhamos no Brasil uma ampla comoção nos meios de comunicação e no debate público sobre a expansão desenfreada de uma epidemia do crack, que estaria assolando expressivas parcelas da população brasileira (NAPPO e colab., 2012; ROCHA e SILVA, 2016). Este movimento carrega consigo tanto uma desinformação quantitativa, quanto uma produção discursiva sobre um grupo de pessoas, sublinhando uma visão muito peculiar e posicionada politicamente. Percebendo estas forças em combate, destacamos a importância de produções arquetípicas nas quais os usuários são caricatamente retratados, prevalecendo o juízo de valor que condena os próprios como culpados da situação em que se encontram, bem como atribuindo a eles o *status* de causadores de diversos problemas e perturbações sociais como crimes e violência urbana (RODRIGUES, 2016).

Para além desta crença reducionista, o usuário de crack é percebido como um sujeito sem classe social, sendo o consumo do crack uma condição individual ou uma doença, como pensam os grupos preocupados com estes atores e, ao fim e ao cabo, fruto de uma personalidade individual mal constituída (ANDRADA, 2011; PULCHERIO e colab., 2010). Recorrendo ao enunciado já naturalizado em outros contextos do senso comum, como no caso da culpabilidade dos pobres por se encontrarem em condições de miséria por seu próprio arcaísmo (SOUZA, 2009), se consuma a ideologia dominante que pensa ações e posições sociais em termos de méritos individuais, tornando invisível todo um aprendizado coletivo que remonta desde a mais tenra infância e que irá marcar as trajetórias de cada um de nós.

Se completa neste quadro o núcleo de *violência simbólica* (BOURDIEU, 2007) que legitima as mais variadas formas de exclusão, sendo o usuário de crack desclassificado social a figura mais expressiva de uma classe abandonada à própria sorte já que, além de ser miserável, desafia os contornos morais do certo e do errado. O uso de crack é percebido pelo olhar que as classes superiores lançam sobre comportamentos e escolhas, como uma atitude racional levada a cabo pelos indivíduos em plenas capacidades decisórias, aos termos daquilo que se propagou nas Ciências Humanas na esteira das teorias da escolha racional (COLEMAN, 2000). Desta forma e a partir deste pensamento, diferentes mecanismos de opressão são legitimados, através das coerções e ações institucionais violentas, já que os indivíduos livres estariam optando por esta forma de condução de vida.

Essas ideias, repetidas como um mantra nos jornais e na mídia sensacionalista, tentam criar um pânico a respeito do crack, propagando a percepção de que há na própria substância o mal reificado (RODRIGUES, 2016). O crack em si seria a expressão do mal em forma de uma droga; consumi-lo uma vez já faria com que as pessoas ficassem viciadas e seria ele próprio a causa das mortes de quem ousa experimentá-lo[2]. Além disso, o usuário seria corrompido e levado a cometer atos criminosos como por um toque de mágica. Essas teses não poderiam ser mais equivocadas. Elas também são sintomáticas de um pânico

[2] Campanhas publicitárias como "Crack nem pensar", veiculada pelo Grupo RBS (afiliada da Rede Globo no RS), exemplificam esse tipo de análise. Nesse sentido há uma articulação da produção midiática em íntima conexão com a formação de um imaginário coletivo a respeito do substância e das mazelas correlacionadas ao consumo.

moral alimentado pelo discurso das classes conservadoras, assim como é carregada por um forte preconceito de classe que não percebe os elos sociais que estabelecem as relações entre sujeitos e situações sociais, inseridos em diferentes contextos e ambientes caracterizados por uma crescente e acirrada lutas de classes.

A pergunta que fica é como podemos ir além desta percepção sensacionalista, para que possamos compreender por que certos atores se comportam desta forma e não como outros que, apesar de todas as dificuldades, mantêm comportamentos socialmente aceitos. Como podemos perceber que, afinal, esta fração de classe que usa crack desmedidamente possui um significado sociológico e que as explicações para o comportamento diferencial podem ser encontradas na teia de relações sociais nas quais estão inseridos?

Nesta pesquisa adotamos a postura que percebe o comportamento do usuário de crack como *relacional*, ou seja, como uma resposta tanto aos outros indivíduos, instituições e ambientes sociais com os quais se depararam no curso de suas vidas, como principalmente às formas classificatórias que o senso comum atribui a suas condutas e que incide decisivamente em suas "escolhas pré-escolhidas" (BOURDIEU, 1979). Através da pesquisa empírica aliada a uma perspectiva teórica crítica, a tentativa foi remontar os elos causais perdidos nas explicações imediatistas, desmistificando imprecisões analíticas a respeito dos usuários de crack. Aliados a recentes estudos, pudemos também desconstruir alguns mitos, como o de que os usuários de crack formam um grande grupo dentro da sociedade brasileira[3]. A parcela de usuário de crack é quantitativamente insignificante se compararmos a usuários de outras drogas (BASTOS e BERTONI, 2014), mas nem por isso devemos ignorar o consumo de crack como um importante fenômeno social já que ele representa a adesão a um *ethos* específico dentro de uma classe já marcada por estigmas e preconceitos. É justamente pela importância desta fração de uma classe de despossuídos, que é vital compreender a vida destes atores e que reconstruamos suas histórias para avançarmos no conhecimento sobre o comportamento diferencial *intraclasse*.

Exatamente isto é que tentamos empreender nesta pesquisa empírica. Realizamos um estudo qualitativo, consistindo em entrevistas individuais, sucessivas e em profundidade, com usuários de crack que frequentavam o Centro de Atenção Psicossocial - álcool e Drogas (CAPSad) localizado em Porto Alegre e que atende as populações mais pauperizadas dos bairros Glória, Cruzeiro e Cristal. Intentamos compreender o papel do uso de crack na vida destes atores, suas trajetórias de vida e os mecanismos que utilizam na tentativa de mudar um comportamento que os tem prejudicado e impedido de viver uma "boa vida" (HONNETH, 2003).

Este conceito de "boa vida" e outras concepções advindas da teoria do reconhecimento foram fundamentais para que pudéssemos perceber o papel intersubjetivo na construção das identidades destes sujeitos. As diversas esferas as quais teóricos do reconhecimento se referem como cruciais a formulação de um sujeito capaz de auto remodelação frente às lutas e reveses cotidianos, são fortemente abaladas no histórico de vida de usuários de crack da ralé estrutural (SOUZA, 2012). Histórias de abuso e de violências foram marcantes em diversas entrevistas, como por exemplo, a de um informante que na

[3] Segundo recente estudo conduzido pela FIOCRUZ (BASTOS e BERTONI, 2014), a parcela de usuários regulares de crack no Brasil está muito aquém daquela de consumidores de outras drogas, como álcool, tabaco ou cocaína.

tentativa de legitimação de seu passado sofrido criava narrativas de uma relação afetiva e próxima com o pai, quando na realidade sofria sucessivos espancamentos que só puderam ser captados ao longo das entrevistas. Neste sentido a metodologia disposicionalista foi central para que pudéssemos entender os sujeitos para além de suas projeções imaginárias, ou seja, para que pudéssemos efetivamente acessar os eventos que apontem o *habitus* ou o "patrimônio de disposições individuais" (LAHIRE, 2004), elementos tão decisivos na produção dos sujeitos e de suas condutas frente aos ambientes e situações sociais.

Para teóricos do reconhecimento como Axel Honneth (2003) e Charles Taylor (1997), o reconhecimento intersubjetivo é central nas relações sociais, constituindo um elemento crucial na auto realização dos indivíduos e na construção da justiça social. Com isso, percebemos a importância de costurar os fragmentos biográficos que possuem alto poder heurístico no entendimento da relação entre o que foi vivido, sentido e apreendido no passado, e suas repercussões na vida cotidiana. No caso das histórias dos usuários de crack que foram objeto desta pesquisa, percebemos que foram diversas as dimensões que afetaram a produção de uma personalidade autoconfiante e que pode se adaptar aos problemas e derrotas que surgem no curso da vida de qualquer um de nós. Também na esfera do direito há uma sucessão de abusos, especialmente pelas instituições de controle social, que abalaram o respeito destes sujeitos perante a sociedade, dificultando sua inserção social efetiva que poderia lhes conferir alguma dignidade na vida (DUTRA e HENRIQUES, 2016).

A dimensão teórica do interacionismo simbólico nos auxiliou a compreender o papel crucial de uma sequência de acontecimentos que motivou os indivíduos em suas escolhas "pré-escolhidas". Encetar uma *carreira desviante* (BECKER, 2008), para os padrões comumente aceitos como normais na sociedade, só foi possível através de uma sequência de interações que culminaram no uso do crack. Especialmente as biografias circunscritas no universo masculino dentro das classes populares, foram marcadas pela aspereza com que os homens se relacionam e também pela elaboração de um *status* positivamente atribuído à agressividade e a manutenção da imagem de um *ethos* guerreiro (ELIAS, 1997). Diferentemente do que propaga o senso comum, de que primeiro uso do crack parte de uma escolha individual, pudemos compreender o papel central da pressão social para que as "decisões" fossem tomadas. O primeiro contato com a substância foi muitas vezes configurado em um ambiente social no qual o desafio propulsionava as ações e que os indivíduos se espelhavam no comportamento de outros para, assim, sublinhar seu papel dentro do grupo.

Diversas foram as dificuldades que marcaram este estudo. Como o leitor pode imaginar, não são todos os usuários de crack que continuam a busca por ajuda, já que o contexto de vulnerabilidade em que estão inseridos os coloca em posições desfavoráveis no seguimento de atividades que demandem compromisso e assiduidade como no caso de um tratamento (RUI, 2012). Pelo contrário. A maioria dos entrevistados interrompeu a ida às reuniões e às dinâmicas do CAPSad, o que dificultou a repetição das entrevistas. Entretanto, pudemos verificar naqueles que conseguiam manter maior frequência, uma decisiva tentativa de reconstituição de um sujeito moral. Os estigmas sociais pelos quais que julgam e condenam estes atores de antemão, cria um pesadelo cotidiano na vida daqueles que usam crack. A patrulha moral da sociedade e dos pares cria um inferno diário

em que usar crack abala laços sociais e propulsiona que o usuário de crack abrace um discurso que busca apaziguar este sentimento construído de que ele é a encarnação do mal, um monstro que perambula por entre as pessoas causando estranhamento, pavor, embaraço e até mesmo riso (RUI, 2012). O consenso social de que o usuário de crack é o último colocado da fila, que ele ocupa o posto mais baixo na hierarquia valorativa dos sujeitos, produz uma série de acontecimentos cotidianos marcados pela humilhação e pelo conflito, que criam verdadeiras cicatrizes tanto nos corpos quanto na subjetividade dos atores em questão.

Para que pudéssemos entender este movimento de retorno, uma tentativa desesperada de construção de algo em um solo arrasado, a teoria moral de Émile Durkheim (2008) iluminou diversas situações, precisamente por causa de sua teoria sobre o indivíduo como um ser social em sua própria natureza, que seria a justificativa mais básica para que os indivíduos decidam encetar um caminho em busca da estima perdida. Somente aqueles que possuíam alguma relação em que pudessem se agarrar conseguiram motivar uma mudança comportamental. Como nos relatou um informante, "*eu quero buscar o que eu perdi, porque eu joguei muita coisa fora... não só físico... a minha saúde, a minha família*". Assim, há uma constante relação de auto julgamento e auto crítica na qual os usuários se põem como juízes de si próprios, mesmo que os critérios por eles utilizados sejam alheios às suas concepções de mundo.

Nas próximas seções traremos dois exemplos empíricos que se mostraram muito representativos na compreensão do universo dos usuários de crack que almejam uma mudança em suas vidas. O primeiro é Matias[4], um adulto socialmente integrado que possui trabalho formal e fortes laços familiares. O segundo é Silvio, um jovem ex-usuário de crack que luta cotidianamente para manter a abstinência.

METODOLOGIA

Os dados discutidos neste artigo fazem parte de uma pesquisa qualitativa conduzida no Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas – Glória – Cruzeiro- Cristal (CAPSad-GCC) na cidade de Porto Alegre/RS entre os meses de março e junho de 2012. O projeto de pesquisa passou por análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre (SMS), obtendo aprovação para realização[5]. No início da investigação foram feitas coletas de informações exploratórias sob forma de um diário de campo. A partir destas observações, definimos quais grupos seriam o foco da pesquisa, sendo estes, dois Grupos Terapêuticos, que acontecem nas tardes das terças e quintas. A amostra foi determinada através da "saturação de informações" (BRUMER et al., 2008, p.140) e foram feitas entrevistas semiestruturadas em profundidade com seis informantes com a utilização de um questionário [6]. Na análise dos dados especificamente para este artigo foram utilizadas as entrevistas de dois dos informantes em adição aos dados etnografados durante as sessões terapêuticas. As entrevistas foram conduzidas em uma

[4] A identidade dos informantes será mantida pela troca dos nomes.
[5] Ver Anexo I.
[6] Disponível em (HERTZOG, 2012)

sala disponibilizada no CAPSad-GCC e nas mediações do Centro de Saúde Vila dos Comerciários (CSVC).

Foram três as razões que motivaram a escolha deste local para a realização da pesquisa. Primeiramente, trata-se de um centro ligado a uma instituição pública de saúde e segue o modelo de universalização do atendimento proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Teoricamente, todos podem se tratar, desde que residam na região de atendimento do CSVC. Em segundo lugar, o Centro é a expressão de um novo modelo de trabalho no sistema de saúde em relação às drogas, que se contrapõe à "instituição total" (GOFFMAN, 1996) [7], na qual os sujeitos eram internados em manicômios e tratados sem distinção com qualquer outro paciente que apresentasse distúrbios mentais. Por último, e relacionado com o segundo motivo, está a presença do profissional da saúde e até mesmo do espaço, localizado dentro de um posto de atendimento médico. Paradoxalmente, mesmo que o novo modelo proponha novas formas de tratamento e a busca da desospitalização, tanto o ambiente como as formas de tratamento ainda se ligam às categorias clínico-morais do vício e da doença.

"MINHA FAMÍLIA, MINHA VONTADE DE LARGAR"

À primeira vista Matias não aparenta sua condição de classe ou seu longo histórico com as drogas. O cabelo grisalho bem cortado, as roupas limpas e o odor da colônia que usa o distanciam da imagem que o senso comum insiste em formular sobre usuários de crack. Reconstruindo sua narrativa através das entrevistas, podemos perceber um momento crucial de sua trajetória, quando aos 12 anos de idade dois caminhos iniciados marcaram sua condição hoje: seu primeiro contato com drogas e sua inserção no mercado de trabalho. Quando ia buscar cachaça para o pai no bar, a recompensa era poder tomar uma dose quando chegasse. Isso inflava seu orgulho. Pensava que isso o tornava mais adulto, mais homem. Também aos 12 anos começa a trabalhar para "dar uma mão" com as finanças da casa. Nessa época o alcoolismo do pai se agravara, o que dificultava que esse conseguisse os "bicos" de pedreiro, que vinham sustentando a família até então. Matias sentiu-se impelido a fazer algo, uma vez que a mãe estava de mãos atadas, já que uma "mulher de família" não poderia sair para trabalhar.

Matias é o quarto filho dos sete que seus pais Lorena e Alfredo conceberam. Na primeira entrevista ele representa o pai como um herói, sem defeitos, mas essa narrativa vai sendo desconstruída ao longo da pesquisa. Quando relata a separação dos pais, retrata uma família desestruturada e danificada pela violência de Alfredo. Ainda assim, orgulha-se de ter sido o único filho a perdoá-lo: *"... apanhei muito, mas quando ele faleceu fui o único que tive com ele. Adorava meu pai... Não abandonei meu pai... Meu pai chorava pedindo perdão, porque sabia que eu não era o único a ter abandonado ele*". A violência é um elemento presente em boa parte dos lares da ralé estrutural, dificultando a formação de pessoas autoconfiantes, elemento crucial na luta por bens escassos no mercado competitivo. Os resultados dos espancamentos cotidianos de Alfredo se mostram no destino dos irmãos, que pouco não se veem e não se sentem como uma família. "*Ficou eu*

[7] Ver Capítulo 2.

meu irmão mais velho com a minha mãe e o resto foi pra cada lado [...] foram criados pelos avós, não consideram minha mãe".

Depois da separação, Lorena partiu para uma vida nova com Matias e seu primeiro filho Carlos. Entre faxinas em bares do centro da cidade nas madrugadas e bicos de cozinheira, não conseguia ter muito tempo para os filhos. Matias lembra os efeitos das precárias condições de trabalho da mãe:

> [...] eu rolei, de passar no centro, de passar no colo da minha mãe, de dormir em lancheria, dormir em hotel. Passar a noite na casa dum, passar a noite na casa dotro, de apanhar de relho, pontapé, soco na cara.

Aos poucos os anos foram passando e a esperança de uma mudança mágica sempre perambulava na mente de Matias. Tendo completado até a quarta série do ensino fundamental, suas possibilidades não eram muitas. As únicas coisas que sabia fazer estavam relacionadas ao trabalho braçal. As perspectivas melhoraram quando conseguiu um trabalho temporário em uma cooperativa do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), no final da década de 1980. Esse foi um marco em sua vida, em que passava a ser "funcionário público".

Passava a ter um emprego formal e relativamente estável, o que lhe possibilitava fazer planos para o futuro. Mas também, lembra-se desse período por ter sido a época em que começou a cheirar cocaína. Muitos colegas faziam uso contínuo de droga. Cheiravam, bebiam, até mesmo no local de trabalho, o que Matias se orgulha de nunca ter feito, "trabalho é trabalho né". Mas nas "noitadas de farra", como relata, aí era diferente. Na saída do trabalho, cada colega punha uma quantia de dinheiro e compravam a droga juntos. Saíam para fazer festa no centro da cidade, e nesses momentos nada lhe parecia impossível.

Ao completar um ano e oito meses na cooperativa, Matias perde seu emprego. Lembra-se que foi nesse momento que conheceu Solange, com quem se casou e teve quatro filhos. Solange *"... implicava comigo para que eu parasse. Eu até tentava, mas vinha os guri [colegas de trabalho] e eu não conseguia me segurar. Tentei esconder um tempo, até que um dia ela me viu cheirando..."*. Os filhos traziam consigo a necessidade de arrumar trabalho e durante anos Matias fez bicos e batalhou com os poucos recursos que teve para ajudar em casa. Em um destes trabalhos temporários e informais, soube de uma "oportunidade de ouro" que surgira, de entrar efetivamente no DMLU como funcionário estável. Um amigo lhe avisou de um concurso, "que só precisa de quarta série". Em 1992 Matias presta o concurso e é efetivado, agora passa a ser funcionário público, trabalhando em tempo integral como gari.

Hoje em dia Matias divide sua semana entre duas casas. Nos dias de semana fica com sua mãe, pois ela mora na zona norte, mais perto de seu trabalho. Também diz que fica lá para "cuidar dela", o que se mostra ambíguo em suas narrativas. Na realidade, ficar na casa da mãe foi uma maneira que Solange e Lorena, esposa e mãe, viram como uma forma de afastá-lo do crack. De sete anos para cá, o uso de crack virou uma rotina na vida de Matias. Sempre que chegava do serviço, ia para o bar e se encontrava com Diego, com quem cultiva uma amizade desde a infância. No início tomavam "*umas cachaça e no*

máximo dava uma cheirada, mas daí nos venderam a pedra num dia". Parece que este momento, há mais ou menos sete anos, foi quando se alastrou o uso de crack na comunidade em que vive na zona leste de Porto Alegre. Hoje em dia, diz que "*70% dos meus amigos [na zona leste] são usuários*". Mas como conta, alguns não continuaram usando, como no caso de Diego. Hoje em dia, a casa de Diego delimita a fronteira que sabe não poder transpor:

> [...] onde eu moro, é o final da rua. Do final da rua pra cima, eu não saio mais. O máximo que eu vou é assim... o Diego, que é digamos assim um irmão. A gente usava junto e ele parou primeiro que eu. Ele consegue beber, toma cachaça e não fuma... quando começamos a usar junto, ele largou. Ele continuou com o álcool... mas a gente sempre se deu bem.

Essa proximidade com o crack é um dos fatores mais difíceis de transpor nas tentativas de "largar":

> [...] o problema pra mim é aqui em casa [zona leste], se eu tomar um gole de bebida ali eu acredito que eu recaio... eu tenho droga no meu portão... tenho um cunhado que é dependente químico. Se eu esticar 'um pila' pra fora do portão tenho droga na mão...

Lorena e Solange fazem com que Matias passe a semana na Zona Norte, onde pode ficar sob a vigilância da mãe e nos finais de semana fica com a esposa, que pode assim garantir que não haverá recaídas. Essa medida foi decidida entre elas depois que se instaurou um processo administrativo contra Matias no DMLU, pois as faltas ao trabalho tornaram-se constantes nos últimos sete anos. Mesmo assim, em seu discurso a ida ao tratamento foi por escolha própria, sem interferência da família ou de alguma sanção que lhe foi imposta:

> [...] o bom é se tratar, eu quero é seguir o tratamento. Eu já tive aqui, já parei. Eu sempre procurei ajuda. Pela primeira vez que digamos assim... através do processo [processo administrativo a qual está submetido] eu fui encaminhado. Não foi pela minha família, não foi por juiz. **Tem muitos que vem obrigados, encaminhado por juiz... eu não, sempre procurei tratamento**. Só que dessa vez vim por causa do trabalho.

Matias assume um discurso de legitimação da própria realidade, mesmo que isso não condiga com a verdade, justificando que está em tratamento porque quer e não porque lhe foi imposto. No máximo, foi "por causa do trabalho", como se a imposição do trabalho não contasse, pois, afinal de contas, quem se trata por obrigação é um delinquente, o que não é seu caso. Esse recurso de manter uma aparência externa não condizente com a realidade, também foi identificado por Pierre Bourdieu em seus estudos na Argélia (1979), no contexto da pesquisa com subproletários desqualificados que salvaguardavam-se pelas aparências de estarem ocupados, mesmo que isso não condissesse com a verdade. Bourdieu notou que a aparência externa de estar ocupado é o último recurso contra a

degradação maior, que é viver às custas dos outros. As aparências são um recurso acionado contra a desmoralização dos agentes, no intuito de manutenção da autoestima. No caso de Matias, a degradação moral maior seria assumir que a busca de tratamento se dá por fatores externos e não por vontade própria.

Criar uma realidade própria para "continuar seguindo em frente", é recorrente em situações nas quais a realidade é demasiadamente dura para ser exposta pragmaticamente nos discursos. Como destaca Bourdieu, a manutenção da imagem perante os outros é o último recurso utilizado contra a degradação perante a comunidade. A estima de Matias depende deste recurso, uma vez que se fosse por determinação e não por livre arbítrio que buscasse tratamento, isso o afastaria da imagem do "ser moral" que está almejando.

Não só nesse caso específico, mas em muitas outras histórias relatadas, Matias sempre tenta apaziguar a realidade, como tentando criar uma imagem de alguém que ele gostaria ser. O relacionamento com os quatro filhos é um desses exemplos, que na sua narrativa é tido como algo "*muito na boa, sou tranquilo com eles*". Mas as contradições surgem a cada história relatada, onde a dor e o sofrimento cotidiano tentam ser encobertos por uma realidade fantástica e mágica que ele tenta passar quando diz que "*está tudo bem*":

> [...] eu quero buscar o que eu perdi, porque eu joguei muita coisa fora... não só físico... como é que é... material, a minha saúde, a minha família... como eu falei mais cedo, eu perdi os 15 anos da minha filha... eu mandei o presente, dei um rádio pra minha guria. E esse radio eu fumei, ela sabe que eu fumei. Isso pra mim é muito difícil.
> [...] Não digo que eu espanquei meus filhos, eu já bati nos meus filhos quando eu tava drogado. Já quebrei janela, já gritei...

Os exemplos de Matias mostram o quão difícil é quebrar o elo formado na tenra infância, na qual a socialização é marcada pela incorporação de um *habitus precário* (SOUZA, 2012) que se reproduz na relação com os filhos. Ainda que tenha tido alguns sucessos na vida, o melhor exemplo que pode passar é "o que não ser", como relatou da primeira conversa que teve com seu genro:

> [...] só que tem uma condição [para namorar a filha]... pra tu continuar namorando a minha guria... o dia em que eu te pegar usando droga e **fazendo o que eu faço**, tu some da minha frente...

Seja o que for não faça o que eu faço. Esse discurso paradoxal é um elemento central da identidade de Matias, que incorpora na representação de si o *estigma* que lhe recai (GOFFMAN, 1988). O tratamento no CAPSad nada mais é do que o cumprimento de uma sanção que lhe foi imposta, e que lhe é possibilitado por um ambiente familiar que o suporta. Como disse, para conseguir crack é só esticar o braço pela janela com "um pila na mão", o que dificulta fortemente que se pare de usar sem que haja uma rede de apoio. Curiosamente, um fator central para deixar de usar crack é o próprio estigma quanto ao usuário de crack. Em reposta a uma pergunta hipotética que faço, se "usaria drogas se fosse de graça", Matias responde que usaria cocaína, crack não. Ou seja, usar crack é o

final da fila moral entre usuários de drogas. Pior que isso não há. Também é um fator central o próprio efeito e forma de uso de crack, que segundo ele se faz solitariamente, podendo gerar muitas vezes sentimentos de medo e paranoia.

Pensando em tipos ideias, Matias seria aquele usuário de crack que possui família e trabalho formal, um adulto socialmente integrado. Certamente esse tipo não constitui a totalidade dos usuários, muito pelo contrário. Mas suas histórias são emblemáticas para pensarmos em alternativas em que é possível desengajar-se do *ethos* do drogado. Desde a última vez em que vi Matias, ele estava "limpo". Desde o momento em que ingressou no CAPSad são 6 meses sem usar crack. Se isso se sustentará, ninguém pode ter certeza.

"EU IA PRO COLÉGIO SÓ POR IR E FICAVA PELA RUA"

Lembrar-se daquela seca do início da década de 1990 é muito dolorido para seu Geraldo. Desde muito tempo - que sequer recorda quanto - vinha arrendando umas terras, onde mantinha um plantio básico para a subsistência de sua família - e mais aquele pouquinho que poderia conseguir nos anos "gordos". Todos acabavam envolvidos com a lida no campo: a mulher "pegava junto" e os três filhos já iam aprendendo "como segurar a enxada". "Mas a seca...". Tudo mudou quando as chuvas pararam e a horta já não era mais tão exuberante e a "roça" já não vinha alimentando todas as bocas. Aos poucos foi ficando mais difícil "pendurar" a conta no "bolicho" e se achando em um beco sem saída, resolveu "largar tudo" e vir para a cidade com a mulher e os três filhos.

Chegando a Porto Alegre tudo era diferente. O ritmo era mais rápido; parece que as pessoas falavam outra língua. Quando saía de manhã cedo para procurar emprego, nada que fizesse parecia útil ao funcionamento daquela cidade. Até que um dia foi conseguindo uns bicos de jardineiro. O trabalho de sol a sol na jardinagem foi então uma maneira de seu Geraldo se adaptar à vida na cidade, utilizando um conhecimento adquirido ao longo da vida. "Não era a mesma coisa", mas era o jeito de "ir levando".

No interior lembra que tudo era diferente. Enquanto "lidava na roça" passava aos filhos o seu vasto conhecimento sobre o momento de plantar, sobre quando colher. Sentia-se orgulhoso por ser visto como uma fonte de conhecimento. Já na cidade os filhos precisavam estudar e passar a eles o conhecimento do homem do campo não lhe parecia mais útil em meio ao asfalto. Ao longo dos anos Geraldo foi aprendendo a viver com esse ressentimento, afinal, que mais poderia fazer?

Sílvio é o caçula de Geraldo, tendo completado 25 anos no ano passado. Ele mal se recorda da vida no campo, de onde partiu aos cinco. "*Lembro que a gente tinha umas galinha... umas coisa assim*". Mas de certa forma nunca se sentira como sendo parte daquela cidade gigantesca, como se lhe tivessem tirado algo que ainda estivesse por aprender no campo e que lhe garantiria uma vida digna. Depois de uns anos "indo daqui pra lá", seus pais conseguiram estabelecer uma residência, num barraco que compraram na Vila Cruzeiro. A partir dali puderam matricular os filhos na escola, agarrando-se na possibilidade de "dar um rumo" na vida das crianças.

Aos 13 anos Sílvio mal começara a primeira série e já percebia que aquele não era seu lugar. Nem a matéria ou a professora conseguiam prender seus olhos no quadro negro. No caminho de casa para a escola, sempre parava na "pracinha", para jogar uma bola ou para conversar com os amigos. Foi assim que, depois da primeira série do ensino fundamental largou os estudos e a vida "na rua" parecia cada vez mais interessante do que aquele universo de letras que o deixava sem referência alguma. "*Eu ia pro colégio, eu estudava, só que eu falhava muito as aulas. Eu ia pro colégio só por ir e ficava pela rua...*".

Sílvio já vinha tentando se inserir no mercado de trabalho de diversas maneiras, mas foi como catador de lixo aos 15 anos que conseguiu "ver a cor do dinheiro". Até ali, só havia conseguido bicos: "*Trabalhei em obra também... eu era... eu alcançava pros outros o cimento a areia... fazia de servente*". Catando alumínio e papelão conseguia lucrar alguns poucos reais por dia e não se sentia tão cansado como antes, afinal, como justificou, "latinha é leve né".

Voltando de um dia de trabalho encontrou um amigo na pracinha e foi convidado a fumar um *beck*[8]. Para não "pagar um mico" aceitou. A primeira sensação foi muito estranha, não sabia exatamente o que estava acontecendo. Mas aquele sentimento inicial foi se transformando, no momento em que poder comprar a droga com o próprio dinheiro servia como fonte de auto-estima. Agora que ele "estava grandão", pois o trabalho de catador lhe rendia algum dinheiro, poderia comprar quando quisesse: "*eu sempre fumava um pitito sabe, que é a maconha com o crack*". A maconha do *pitito* passou a não importar; o que mais queria todos os dias era crack.

As palavras lhe faltam para descrever como era estar sob efeito da droga. A sensação mais próxima com que consegue fazer alguma analogia é a do prazer sexual:

> [...] a sensação como é igual sabe... como é que eu posso te explicar... é igual um prazer, prazer que tu tem... o mesmo prazer que tu vai, assim, ter com a tua mulher tu vai ter com o crack, só que com o crack, ele vai te estragar. Ele vai te levar pro fosso, e tu vai te levar mais pro buraco... o crack é uma droga que vem pra matar [...] é a mesma sensação com a tua mulher. A tua mulher ta do lado ali, tu vai sempre querer o crack do lado, tu não vai querer te separar dele...

Também havia momentos desconfortáveis, que cada vez tornavam-se mais frequentes: "*tinha aquelas paranoia, de catar, ficar ajoelhado catando, ou olhar pelas fresta... ou se alguém tava me seguindo... vai piorando, tu ouve vozes*". As características das alterações produzidas pelo crack são muito particulares, fazendo com que se tenha um uso diferenciado do que há com outras drogas "coletivas", ou seja, que possibilitam formas diversas de sociabilidade. "*O crack eu me escondia, ele não deixa tu fumar na frente da pessoa que tu gosta, ele faz tu te esconder. Faz tu fumar até no meio do mato... bah é cruel! [...] eu fumava dentro da vila, me escondia pra poder usar*".

Por alguns anos as únicas preocupações e ocupações do cotidiano resumiam-se em conseguir dinheiro suficiente para comprar uma pedra. No início essas práticas foram se sustentando. Acordar, juntar lixo, vender, fumar. Mas logo o desejo pelas sensações

[8] Cigarro de maconha.

proporcionadas por fumar aumentava e isso dificultava que Sílvio mantivesse a concentração para trabalhar. Os usuários de crack também são extremamente mal vistos e rechaçados pelos catadores de lixo, uma vez que deterioram a imagem daqueles trabalhadores honestos que tentam manter distância do estigma do drogado e delinquente. Sílvio fazia parte daqueles últimos colocados da fila da dignidade e era necessária uma mudança radical para retomar seu "ser moral".

A opção mais viável que a família encontrou foi interná-lo em uma fazenda para dependentes químicos. Ironicamente foi nesse momento, de retorno a terra, que surgiu alguma esperança na vida de Sílvio. O tratamento na fazenda exigia abstinência total, não poderia sequer fumar um cigarro. Assim como no caso de Matias, Sílvio conta a história de sua internação como se tivesse escolhido esse caminho por conta própria, mas a realidade diverge, podendo ser encontrados indícios nas inconsistências de suas narrativas:

> [...] eu tive que procurar uma fazenda assim ligeiro, minha mãe foi buscar um celular dela o celular que eu roubei dela e falaram pra ela que iam me matar. Daí **eu fui lá e procurei uma fazenda pra me internar** de novo e era isso...
> [...] a minha família sempre falava que eu não tinha caráter, que eu não tinha responsabilidade [...] daí **minha mãe me deixou lá na fazenda e disse que só era pra eu voltar quando tivesse parado**.

A criação de uma realidade mais amena através da alteração dos fatos faz com que Sílvio possa reconstruir sua autoestima, uma vez que se vê assim como sujeito de suas mudanças. A centralidade da família nas internações – especialmente de sua mãe - aparece repetidas vezes em seus discursos, o que nos faz inferir que muitas das ações que ele julga serem tomadas por vontade própria, foram imposições ou ações da família.

Foi na segunda internação em uma fazenda que Sílvio conheceu Cristina. Ela estava lá num domingo à tarde para visitar João, um dos internos que vinha se tornado um grande amigo ao longo das três semanas que passara lá. A partir dali não pensava em outra coisa senão sair da fazenda, ir para casa e ter uma vida com ela.

Depois de alguns meses se encontraram em um churrasco na casa dos pais de João e finalmente Sílvio conseguiu "ficar" com Cristina. Passaram-se meses e a vontade de usar crack havia parado, foi quando soube que Cristina estava grávida. Num misto de pânico e alegria, contou para João, e para comemorar compraram três pedras de crack. A partir desse momento João e Sílvio passam a empreender uma jornada para compra e consumo de crack. Ficaram mais íntimos e Sílvio passava a confiar cada vez mais no amigo:

> [...] meu cunhado sempre me chamava, eu sempre fui um cara que ele confiou, me chamava duas três horas da manhã, pra buscar a droga pra ele... ele é um irmão mais velho que eu nunca tive. Daí **fui aprendendo com ele ali**, vendo o jeito que ele fazia, o jeito que ele usava, o jeito que ele furava a latinha, fui aprendendo com ele só no ver sabe, ele não deixava eu chegar perto dele.

Apesar de o crack ter se mostrado, tanto nesta como em outras entrevistas, como uma droga "solitária", as formas de aquisição e o aprendizado das técnicas são muitas vezes em dupla. O cunhado que ensina a usar a lata para fumar, o amigo que conhece o traficante. Os agenciamentos são, então, formas coletivas, nas quais os sujeitos tornam-se usuários de drogas. Fica claro para qualquer leitor de boa vontade que não se trata de uma doença, pelo menos não do corpo individual.

O tratamento no CAPSad entra em sua vida quando não há mais formas institucionais de se lidar com aqueles "do fim da fila". Por muita insistência de Cristina, Sílvio frequenta as reuniões com certa frequência, mas até mesmo nas reuniões ele se sente como "um peixe fora d´agua". A política da instituição visa a não separação dos usuários por substâncias: vício é vício, não importa se álcool, cigarro ou crack. Isso faz com que, apesar das oportunidades de mudança que o tratamento proporciona, Sílvio saiba que mesmo ali, onde todos teoricamente estão no "fim da fila", ele está mais atrás: "*eles são álcool, eles beberam só... Teve alguns que usaram crack ou maconha, mas eles são mais do álcool*".

O futuro é incerto para Sílvio. Morando agora com os pais, a esposa e a filha, ele sabe que o que já era difícil antes de usar drogas – a inserção no mercado de trabalho, aceitação, legitimação, respeito... -, tornaram-se ideais dificilmente alcançáveis depois de ter "pisado na bola", como me conta com olhar cabisbaixo e amargurado:

> [...] agora vai ser um pouco mais difícil como eu sair, não sei se vão me aceitar de volta... agora pra poder trabalhar, tem que fazer aquele.. .como é o nome daquela folha? Tem que ter uma folha agora que tem que preencher sabe, eu não sei como é que é o nome... e daí tem que preencher aquilo ali pra poder trabalhar... currículo!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que o comportamento individual dos entrevistados e a dificuldade de manter-se longe do crack podem apresentar fatores causais relacionados ao pertencimento de classe, marcado pela socialização precária e um histórico de violência e desrespeito nas principais esferas de reconhecimento, fontes de estima necessários para qualquer empreendimento intersubjetivo na vida contemporânea. Os elementos trabalho e família são decisivos nas trajetórias de sucesso e na superação dos estigmas, que recaem sobre os usuários e que circunscrevem suas tentativas de inserção social, possuindo as mulheres um papel central na desarticulação de um *ethos* de engajamento cotidiano com o crack, bem como no gerenciamento das narrativas futuras e aberturas no campo das possibilidades, quer seja, como efetivamente "desfazer" os efeitos do crack e "virar a mesa" em novas formas de interação social.

A decisão de parar de consumir crack parte, em certa medida, dos contínuos constrangimentos aos quais estão expostos os atores, em eventos rotineiros que demarcam as fronteiras simbólicas entre um "cidadão de bem" e um "craqueiro". Entretanto, tais constrangimentos só são direcionados em momentos de avaliação e crítica, drasticamente estimulados por agentes externos (aqui, novamente em especial as mães e esposas).

Elementos externos são cruciais para que o indivíduo sinta que é necessário parar de usar e é a ameaça de perda do "ser moral" que potencializa uma mudança de rumos. Para além disso, a constante ameaça de nunca mais conseguir voltar ao "caminho certo", onde se faz necessário a alimentação de atores sociais constantemente por afluxos de energia que proporcionam o sentimento de integração coletiva (WEISS, 2010).

A presença familiar é neste contexto o principal fator de mudança, tanto para o estimulo da motivação pessoal de querer parar, como para efetivamente buscar tratamento. Quando no interior dos núcleos familiares há forte rejeição àquilo que o filho/marido/irmão "perdido" se tornou, é patente a condição de fragmentação subjetiva e de pavor que os atores enfrentam. Ser rejeitado por aquelas (e aqui usamos o feminino enfatizando-o) que poderiam mostrar o caminho da salvação, suspende os elos e conexões intersubjetivas nas quais os atores se fiam ao buscar um reconhecimento necessário para "seguir em frente", suspendendo a possibilidade de projetar e sonhar com uma vida diferente. Como resume Mathias "... quero buscar o que eu perdi não só físico [...] a minha saúde, a minha família".

A inserção no mercado de trabalho, claramente um fator externo ao sujeito (embora as teorias meritocráticas da moda queiram insistir na culpabilidade do sujeito por seu próprio fracasso), dialoga com o elemento familiar nas possibilidades de "recuperação" do sujeito dilacerado. Percebemos que esta centralidade e importância do trabalho estão mais no empreendimento de atividades diárias, ou seja, o estabelecimento de uma rotina rígida de sair de casa, trabalhar, manter-se limpo com aparência aceitável, do que no sentido de sentir-se produtivo e útil, de sentir-se integrado ao mercado produtivo como realizando uma atividade importante ao funcionamento da sociedade. A questão torna-se estar sempre ativo, no emprego de alguma função, embora a possibilidade de reconhecimento via esfera laboral seja um panorama distante e quase utópico.

A inserção dos agentes no mercado competitivo se dá em posições de fraca reputação e estima, frequentemente rebaixados como posições de baixo valor social e recompensa monetária. Posto de outra forma, dificilmente tais atividades serão fontes de reconhecimento social a partir importância valorativa e hierarquizante no ocidente moderno sobre o que é essencial e digno de valoração (tanto simbólica como material). Nesse sentido e contexto, como bem destacou Bourdieu (1979), manter as aparências e ser visto como estando ocupado é utilizado como o último recurso à degradação moral, da situação em que se é sustentado por outra pessoa, e fazer qualquer atividade é melhor do que "estar parado".

Além destes fatores externos cruciais, há também dois fatores que se mostraram como um estímulo à vontade de parar. O primeiro deles advém do próprio efeito do crack. O uso continuado faz com um sentimento de 'paranoia' cresça e foram diversos os relatos sobre o medo que esses momentos se repetissem. Os indivíduos se encontram em um momento decisivo, no qual passam mensurar a relação custo/benefício de fumar, o que estimula o debate sociológico com outros campos de conhecimento que tragam a complexidade das alterações provocadas pelas substâncias.

Finalmente, o elemento transformador é traduzido no desejo e vontade de se integrar ao corpo social, na interação com coletividades diversas, o que só pode emergir quando houve em algum momento de suas vidas em que sentiram essa forma de pertencimento. O tratamento é visto como um retorno de algo que foi perdido ao longo dos anos. O estigma

que recai aos usuários de crack dilacera a imagem dos indivíduos, o que aos poucos vai sendo incorporado às suas identidades.

O maior fator motivacional parece ser a negação deste estigma, num dado momento em que as pessoas se sentem impelidas a uma mudança. No entanto, o surgimento e manutenção desta vontade são dificultados por uma realidade de fácil acesso e amplo consumo de crack. Os entrevistados têm que conviver diariamente com o tráfico e o consumo de drogas muito próximos de si, elemento que pode reverter qualquer equação por mais estável que esta possa se apresentar.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, N. C. **Abuso e Dependência: Crack**. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 58, n. 2, p. 141–153, 2011.

BASTOS, Francisco Inácio e BERTONI, Neilane (Org.). **Pesquisa nacional sobre o uso de crack**. Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Algeria 1960**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

COLEMAN, James Samuel. **Foundations of social theory**. 3. ed. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard Univ. Press, 2000.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DUTRA, Roberto e HENRIQUES, Vanessa. O poder discricionário dos agentes institucionais que lidam com usuários de crack: invisibilidade de classe e estigma de gênero. SOUZA, J. (Org.). . Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016. .

ELIAS, Norbert. **Os alemães : a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HERTZOG, Lucas. **O desengajamento do êxtase: estudo sociológico sobre usuários de crack em tratamento**. 2012. 57 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento : a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

NAPPO, Solange Aparecida e SANCHEZ, Zila M. e RIBEIRO, Luciana Abeid. **Is there a crack epidemic among students in Brazil?: comments on media and public health issues**. Cadernos de Saúde Pública, v. 28, n. 9, p. 1643–1649, 2012.

PULCHERIO, Gilda e colab. **Crack–da pedra ao tratamento**. Revista da AMRIGS, v. 54, n. 3, p. 337–343, 2010.

ROCHA, Maria Eduarda e SILVA, José Augusto. Pânico social e animalização do usuário: o crack na Folha de S. Paulo. SOUZA, J. (Org.). . Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016. p. 251–286.

RODRIGUES, Igor. Crack, a nóia da mídia. SOUZA, J. (Org.). . Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016. p. 287–304.

RUI, Taniele. **Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. 2012. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/Taniele_Rui_Tese.pdf>. Acesso em: 6 maio 2014.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Humanitas).

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. (Humanitas).

TAYLOR, Charles. **As fontes do self : a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.

WEISS, Raquel. **Émile Durkheim e a Fundamentação Social da Moralidade**. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2010.

Anexo I

Prefeitura Municipal de Porto Alegre
Secretaria Municipal de Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO

Pesquisador (a) Responsável: Raquel Andrade Weiss
Registro no CEP: 745 **Processo Nº.** 001.003488.12.8
Instituição onde será desenvolvido: Secretaria Municipal de Saúde - CAPs AD GCC
Utilização: TCLE
Situação: APROVADO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre analisou o processo N 001.003488.12.8 , referente ao projeto de pesquisa: "**O desengajamento do êxtase: Estudo sociológico sobre a desconstrução de projetos associados ao uso de drogas por usuários em tratamento** ", tendo como pesquisador responsável Raquel Andrade Weiss cujo objetivo é "Compreender de que forma os projetos associados ao uso de drogas são desconstruídos por usuários submetidos ao tratamento. OBJETIVOS ESPECÍFICOS : • Identificar os mecanismos e estratégias adotados para que se aceite uma nova ética que privilegia a vida em sua extensão. • Investigar as expectativas dos usuários quanto ao tratamento. • Averiguar os elementos que interferem na associação dos usuários a novos projetos de vida".

Assim, o projeto preenche os requisitos fundamentais das resoluções. O Comitê de Ética em Pesquisa segue os preceitos das resoluções CNS 196/96, 251/97 e 292/99, sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde / Conselho Nacional de Ética em Pesquisa / Agência nacional de Vigilância Sanitária. Em conformidade com os requisitos éticos, classificamos o presente protocolo como APROVADO.

O Comitê de Ética em Pesquisa, solicita o atendimento aos itens abaixo:

1. Enviar primeiro relatório parcial em seis meses a contar desta data e a apresentação do trabalho em CD no final;
2. Informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido;
3. Comunicar qualquer alteração no projeto e no TCLE;
4. Entregar junto com o relatório, todos os TCLEs assinados pelos sujeitos de pesquisas e a apresentação do trabalho, e o formulário de relatório que esta no site.
5. Após o término desta pesquisa, o pesquisador responsável deverá apresentar os resultados junto à equipe da unidade a qual fez a coleta de dados e/ou entrevista, inclusive para o Conselho Local da Unidade de Saúde.

Porto Alegre, 12/03/2012.

Elen Maria Borba
Coordenadora do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre – CEP SMS/PMPA
Rua Capitão Montanha, 27, 7º andar – CEP 90010-040
Fone : 32895517 / 91441379